



Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

Letras, Linguística  
e Artes: Perspectivas  
Críticas e Teóricas 4

Atena  
Editora

Ano 2019

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes:  
Perspectivas Críticas e Teóricas 4

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
L649	Letras, linguísticas e artes: perspectivas críticas e teóricas 4 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Letras, Linguísticas e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas; v. 4)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-704-8 DOI 10.22533/at.ed.048190910  1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. II. Série.  CDD 407
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

No quarto volume deste e-book abrangente das áreas de Letras, Linguísticas e Artes, o leitor encontrará uma possibilidade de textos capazes de problematizar sua intervenção como agente protagonista e pesquisador, pois em cada reflexão são apontados inúmeros caminhos capazes de direcionar o leitor atento a problematizar sua proficiência e autonomia. Todo esse caminho discursivo se concretiza nas reflexões dos vinte e oito capítulos, que, certamente, contribuirão com a ampliação do leitor.

No primeiro capítulo, a autora relaciona a formação identitária visual dos alunos diante das influências do imaginário e do cotidiano escolar. No segundo capítulo, a temática do letramento em língua portuguesa para a pessoa surda representa o foco. No terceiro capítulo, discute-se a poética no curso de dança, por meio do *livro de artista*. No quarto capítulo, os autores analisam a construção da identidade, baseando-se em uma investigação de cunho analítico.

No quinto capítulo, são reconstruídos os percursos em torno da memória, sobretudo, do termo *reza*. No sexto capítulo, os modos de organização da linguagem artística dança são problematizados a partir das reflexões reveladas ao longo do estudo. No sétimo capítulo, os autores analisam o multiculturalismo e a aquisição de um novo idioma. No oitavo capítulo, a concepção à especialidade *autismo* é analisada na relação com os envolvidos no espaço escolar.

No nono capítulo, o contexto do Brasil quinhentista é apresentado a partir de uma análise historiográfica linguística. No décimo capítulo, a leitura é problematizada nos espaços do livro e das novas tecnologias digitais inseridas nos contextos de ensino. No décimo primeiro capítulo, o autor traz para a sala de aula as reflexões de Bakhtin, reafirmando a necessidade propositiva de utilização do autor no processo de ensino e aprendizagem na escola. No décimo segundo capítulo, é analisada a grotescalização da linguagem cômica europeia e a cultura cômica brasileira contemporânea.

No décimo terceiro capítulo, a autora analisa uma obra literária, apresentando questões sobre a personagem principal. No décimo quarto capítulo, o autor reflete, a partir de uma obra literária, além de problematizar questões e propor a ampliação de olhares sobre o texto literário. No décimo quinto capítulo, a autora rediscute a importância da Arte na educação infantil. No décimo sexto capítulo, a autora estabelece um processo de compreensão em dança, associando-o com os demais elementos na arte do movimento.

No décimo sétimo capítulo, a autora amplia a visão dos leitores sobre processos criativos em Rede Digital. No décimo oitavo capítulo, a autora coloca em destaque a presença do professor e do Ser professor. No décimo nono capítulo, há a proposição de um diálogo harmônico com uma ópera. No vigésimo capítulo, enfatiza-se a importância do ensino de Arte na Educação de Jovens e Adultos.

No vigésimo primeiro capítulo, as autoras refletem como a noção de sujeito foi sendo construída nos estudos linguísticos. No vigésimo segundo capítulo, as autoras abordam a educação informal como possibilidade de interação afetiva entre seis irmãos. No vigésimo terceiro capítulo, os autores descrevem as vivências de estudantes e, para isso, utilizam a linguagem midiática. No vigésimo quarto capítulo, os autores analisam, reflexivamente, as criações poéticas investigadas.

No vigésimo quinto capítulo, a autora coloca em destaque dois idiomas no campo da discussão. No vigésimo sexto capítulo, os autores colocam em destaque a corporeidade de um povo indígena. No vigésimo sétimo capítulo, a autora discute conceitos essenciais para multimodalidade. E, por fim, no vigésimo oitavo e último capítulo, a autora apresenta reflexões sobre a importância da literatura para o desenvolvimento do ser humano em sua complexidade, bem como sobre a viabilidade de desenvolver um trabalho com gêneros textuais baseado no Interacionismo Sociodiscursivo, de Bronckart (2003), Schneuwly e Dolz (1999), como uma possibilidade de sistematização do ensino de literatura em língua inglesa.

No término desta sucinta apresentação ficam explícitos os múltiplos desejos de que todos os leitores tenham a oportunidade de investigar novos caminhos, sendo eles desejosos de encontrar as respostas para suas próprias indagações.

Ivan Vale de Sousa.

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
IDENTIDADE VISUAL E APROPRIAÇÃO ARTÍSTICA – O NOME COMO MARCA	
Christiane de Faria Pereira Arcuri	
DOI 10.22533/at.ed.0481909101	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
LETRAMENTO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA PESSOA COM SURDEZ	
Esmeraci Santos do Nascimento	
Antonia Luzivan Moreira Policarpo	
DOI 10.22533/at.ed.0481909102	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>23</b>
LIVRO DE ARTISTA: ENSINO E POÉTICA NO CURSO DE DANÇA	
Carla Carvalho	
Mariana Lopes Junqueira	
DOI 10.22533/at.ed.0481909103	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>35</b>
LUGAR DA IDENTIDADE EM MULAN: FEMININO OU MASCULINO?	
Marcus Pierre de Carvalho Baptista	
Elisabeth Mary de Carvalho Baptista	
DOI 10.22533/at.ed.0481909104	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>48</b>
MEMÓRIAS SOBRE A REZA: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO SOLO “PÉ DE OLIVEIRA”	
Ewellyn Elenn de Oliveira Lima	
DOI 10.22533/at.ed.0481909105	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>54</b>
MODOS ORGANIZATIVOS EM DANÇA: A VULNERABILIDADE COMO ESTRATÉGIA DE ATRAVESSAMENTOS	
Adriana Bittencourt Machado	
Ireno Gomes da Silva Junior	
DOI 10.22533/at.ed.0481909106	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>61</b>
MULTICULTURALISMO E A AQUISIÇÃO DE UM NOVO IDIOMA	
Fabio da Silva Pereira	
Janiara de Lima Medeiros	
Marcela Pinto Reis	
Melissa Jacob Otoni de Souza	
Monique Oliveira	
Ohana Gabi Marçal dos Passos	
DOI 10.22533/at.ed.0481909107	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>73</b>
O AUTISMO NO CONTEXTO ESCOLAR: UM DESAFIO DE GESTÃO	
Anitereze Sevalho Lopes Rosineide Rodrigues Monteiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0481909108</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>85</b>
O BRASIL QUINHENTISTA E A HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA: INTERFACES	
Leonardo Ferreira Kaltner	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0481909109</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>99</b>
O ESPAÇO DO LIVRO E AS NOVAS TECNOLOGIAS: PROBLEMATIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA DA LEITURA	
Thiago Barbosa Soares	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091010</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>112</b>
NA SALA DE AULA COM MIKHAIL BAKHTIN	
Ivan Vale de Sousa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091011</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>123</b>
O GROTESCO NA CULTURA MEDIEVAL EUROPEIA E A GROTESCALIZAÇÃO NA NOVA PERCEPÇÃO HISTÓRICA E MIDIÁTICA DA CULTURA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA	
Everaldo dos Santos Almeida Roberto Max Louzeiro Pimentel	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091012</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>135</b>
O INVERNO DE BÁRBARA: UMA ANÁLISE DO CONTO “BÁRBARA NO INVERNO”, DE MILTON HATOUM	
Lídia Carla Holanda Alcântara	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091013</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>145</b>
PEDAÇOS DE PAISAGENS AQUI DENTRO: ASPECTOS DA PROSA LUSITANA OITOCENTISTA EM EÇA DE QUEIRÓS, FIALHO DE ALMEIDA E TRINDADE COELHO	
André Carneiro Ramos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091014</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>157</b>
PERCEBER O OLHAR ATENTO DAS CRIANÇAS SOBRE O MUNDO PERMITE REALIZAR PROPOSTAS CONVIDATIVAS DE ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Renata Pereira Navajas Mancilha Barbosa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091015</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>166</b>
PROCESSO DE CRIAÇÃO EM DANÇA: IMPROVISACÃO, SONS E IMAGENS	
Juliana Cunha Passos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091016</b>	



<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>184</b>
PROCESSOS CRIATIVOS EM REDE DIGITAL: POR QUE INTERPRETAR A NÓS MESMOS + [POR UMA ESTRATÉGIA DE SOBREVIVÊNCIA]	
<a href="#">Iara Cerqueira Linhares de Albuquerque</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091017</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>192</b>
PROFESSOR TAMBÉM FAZ ARTE: O DESENHO DE UMA POLÍTICA PÚBLICA	
<a href="#">Iêda Maria Loureiro de Carvalho</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091018</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>202</b>
QUANDO O BALÉ FALA DE SI MESMO: O SUSPIRO DE VERONIQUE DOISNEAU	
<a href="#">Rousejanny da Silva Ferreira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091019</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>208</b>
RESISTÊNCIA POLÍTICA CRIADORA: ARTE NA EJA PARA ALÉM DO LETRAMENTO	
<a href="#">Fernando Bueno Catelan</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091020</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>217</b>
REVISITANDO A NOÇÃO DE SUJEITO NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM	
<a href="#">Maria Gorette da Silva Ferreira Sampaio</a>	
<a href="#">Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091021</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>227</b>
SOMOS SEIS: ARTE E POÉTICA DO COTIDIANO NA ESTÉTICA DAS RELAÇÕES	
<a href="#">Tarcila Lima da Costa</a>	
<a href="#">Fernanda Maria Macahiba Massagardi</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091022</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>238</b>
SOMOS TODOS IGUAIS NAS DIFERENÇAS: EXPERIÊNCIA ESTÉTICO-SOCIAL A PARTIR DO VÍDEO CLIPE “BLACK OR WHITE”, DO ARTISTA MICHAEL JACKSON	
<a href="#">Laura Paola Ferreira</a>	
<a href="#">Fabrício Andrade</a>	
<a href="#">Aline Choucair Vaz</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091023</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>247</b>
SUSPENDAMOS A TAÇA PELOS DIAS QUE VIVEU: A CRIAÇÃO POÉTICA SOB A PERSPECTIVA DA RECORDAÇÃO EM POEMAS DE RUY BARATA	
<a href="#">Adonai da Silva de Medeiros</a>	
<a href="#">Elielson de Souza Figueiredo</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091024</b>	

<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>266</b>
TEACHING FOREIGN LANGUAGES IN FRANCE: THE CASE OF PORTUGUESE AND SPANISH	
<a href="#">Carolina Nogueira-François</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091025</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>277</b>
TORÉ INDÍGENA TABAJARA: DANÇA, CULTURA E TRANSFORMAÇÕES	
<a href="#">Cristina da Conceição Resende</a>	
<a href="#">Victor Hugo Neves de Oliveira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091026</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>283</b>
UM DEBATE METODOLÓGICO PARA TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE MULTIMODAL DE CORPUS AUDIOVISUAL	
<a href="#">Larissa de Pinho Cavalcanti</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091027</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>295</b>
A FORMAÇÃO DE MULTIPLICADORES TEATRAIS EM COMUNIDADES DE MANAUS: A CONSTRUÇÃO DE UMA PROPOSTA METODOLÓGICA QUE CONSIDERA AS DIMENSÕES DE CULTURA POPULAR, ARTE E VIDA E O SABER DA EXPERIÊNCIA	
<a href="#">Amanda Aguiar Ayres</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091028</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>306</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>307</b>

## REVISITANDO A NOÇÃO DE SUJEITO NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM

**Maria Gorette da Silva Ferreira Sampaio**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia -  
UESB, Departamento de Estudos Linguísticos e  
Literários - DELL  
Vitória da Conquista - Bahia

**Gerencie Ribeiro de Oliveira Cortes**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia -  
UESB, Departamento de Estudos Linguísticos e  
Literários - DELL  
Vitória da Conquista - Bahia

**RESUMO:** No presente artigo, tem-se como objetivo refletir sobre como a noção de sujeito foi sendo constituída nos estudos linguísticos. Essa reflexão passa por uma breve análise de algumas teorias significativas que demarcam fronteiras no campo da linguagem. Organizou-se o texto de modo que as fronteiras fossem evidenciadas a fim de se observar a relevância da noção abordada na fundamentação de diferentes teorias. Produz-se uma reflexão de estudos numa perspectiva formalista, pragmática, enunciativa e discursiva. A partir da breve análise ratifica-se a necessidade de se ter bem claras as bases de sustentação de cada teoria, especificamente, no tocante à noção aqui estudada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguagem. Sujeito. Sentido.

### REVISITING THE NOTION OF SUBJECT IN THE LANGUAGE STUDIES

**ABSTRACT:** This article has as its objective to reflect about the notion of subject was constituted in linguistic studies. This reflexion goes through a brief analysis of a few significant theories that delimit the frontiers in the language field. The text was organized in a way that the frontiers were highlighted so it can observe its relevance of the approached notion on the basis of different theories. It was produced a reflexion on the studies from formalist, pragmatic, enunciative and discursive perspectives. Through this brief analysis it was rectified the need to clarify the support basis of each theory, specially, when it comes to the notion studied here.

**KEYWORDS:** Language. Subject. Meaning

### 1 | INTRODUÇÃO

Em qualquer que seja a abordagem nos estudos linguísticos e/ou sobre estudos de áreas de fronteira, é necessário que se situem algumas questões sobre os fundamentos epistemológicos a partir dos quais se desenvolveu a teoria que se adota como base de sustentação para as análises realizadas. Ou a teoria, num viés mais formalista, recorta como objeto de análise os aspectos, digamos,

mais internos do sistema; ou a teoria recorta fenômenos cujas análises exigem uma abordagem pautada nas relações entre a língua e o sujeito, o social, o pragmático, o discursivo.

Pretende-se refletir sobre como o sujeito é entendido nos estudos linguísticos e como esse entendimento afeta a noção de sentido. É intenção discutir sobre a importância dessas noções para a demarcação de estudos. Propõe-se, neste texto, traçar um breve panorama do caminho no qual essas noções foram se constituindo, abordando algumas teorias significativas que demarcam fronteiras no campo da linguagem. O texto está organizado de forma a demarcar essas fronteiras.

## 2 | UMA ABORDAGEM FORMALISTA

O estabelecimento dos estudos da língua como objeto particular de estudo de uma ciência só foi possível em virtude da posição de Saussure de objetivar, delimitar um lugar específico, próprio no campo do conhecimento que se afastasse de estudos mais generalistas, no sentido de uma atenção voltada para todos os signos, como a Semiologia. Saussure diferenciou língua de linguagem, circunscrevendo a língua como objeto da ciência linguística, cujo método definido para estudá-la foi o Estruturalismo. Ao diferenciar língua e linguagem, afirmando a Linguística como ciência que estuda somente a língua, o mestre de Genebra produziu um corte epistemológico, do qual resultaram conceitos que fundamentam os estudos na área.

Concebeu a língua como “sistema de signos” em que cada elemento é o que o outro não é, ou seja, cada unidade assume um valor em oposição a outro. Esse valor é definido socialmente, por isso, Saussure definiu a língua como fato social. É na coletividade que a relação entre significante e significado, faces do signo, ganha pertinência. Mesmo sendo possível apenas pensar a língua enquanto sistema de signos no âmbito do coletivo, do social, o aspecto individual, que está para a fala, é imprescindível e inseparável daquele.

Saussure, para demarcar que são diferentes, apesar da inseparabilidade, opõe língua e fala. Essa diferenciação acarreta desdobramentos determinantes, relevantes para o desenvolvimento de teorias linguísticas e as especificidades das áreas nesse campo do saber. Ao recortar a língua e o estudo sincrônico para estudo, Saussure se volta para a observação dos aspectos internos da língua, descrevendo as relações, os valores que cada elemento assume em função de seu lugar no sistema. Com esse recorte produziu a exclusão do referente, do mundo, do sujeito e da história, fenômeno conhecido como *corte saussureano*.

Na esteira dos estudos formais, consideramos relevante abordarmos Frege, que, tomando por base postulados da Filosofia e da Lógica, discutiu questões que desencadearam desenvolvimentos produtivos em várias áreas, notadamente na Semântica. Frege desenvolveu estudos que introduzem o mundo na relação com

a linguagem e análises que têm como princípio o valor de verdade, o que gerou grandes desdobramentos para reflexões posteriores.

O signo em Frege é concebido numa relação entre o sinal, sentido e referência. Os nomes próprios ou sinais são a união de um sentido e uma referência. Ele distingue sentido de referência, afirmando que aquele constitui o modo de apresentação do objeto e esta, a coisa por ele designada, sendo que não se pode ter uma referência que não corresponda a um sentido. Pode haver sentido que não corresponda a uma referência. Para o filósofo, sentido é pré-condição para referência, mas “entender-se um sentido nunca assegura sua referência” (FREGE, 1978, p. 63).

Pode-se dizer, diante disso, que a referência do nome próprio é o objeto que ocupa um lugar no mundo, sendo, portanto, de caráter objetivo, enquanto que a representação é resultado do olhar do falante sobre o objeto, o que a caracteriza como sendo de caráter único e subjetivo. O sentido, por sua vez, está entre a referência e a representação e não tem nem a mesma subjetividade da representação, tendo em vista que é algo compartilhado na língua, nem a objetividade da referência, já que não é o objeto no mundo.

Frege exclui a representação dos estudos semânticos, dado o seu caráter subjetivo. Sobre isso Pêcheux (1997[1975]) afirma que as representações, para o filósofo estão ligadas ao sujeito, na medida em que ele é seu portador, aspecto que sugere que as representações não poderiam encontrar no sujeito uma origem qualquer. Há, então, nessa perspectiva, uma independência do conhecimento objetivo em relação ao sujeito, afirma Pêcheux. E completa este autor: “Ao dizer que o sujeito não é o portador do objeto de seu pensamento, Frege designa, sem nomeá-lo, ‘o processo sem sujeito’ [...]” (PÊCHEUX, 1997[1975], p. 75). A decisão de não tratar da representação marca uma posição de Frege de afastar o sujeito de suas reflexões, o que implica certa visão de interpretação.

Do exposto, pode-se depreender que, para essa perspectiva, o sentido é a relação com o mundo. O sentido diz o mundo, que é designado pelo referente, sendo, portanto, esta condição para a compreensão do significado. Alcança-se o objeto no mundo, o referente, a partir do seu sentido.

### **3 | UMA ABORDAGEM PRAGMÁTICA**

Numa perspectiva pragmática, sem, no entanto, romper com abordagens formalistas, Grice (1982) pontua a necessidade de levar em consideração a natureza da conversação e as condições que a governam. Essas condições envolvem o sujeito, a situação - tempo, espaço. Segundo o teórico, o sentido não está atrelado apenas às condições de verdade de uma sentença, mas a todas as condições que circundam uma situação comunicativa. Com a atenção voltada para essa questão Grice inaugurou a Pragmática conversacional, defendendo a possibilidade de pensar

na relação entre significação, contexto situacional e sujeito falante. A significação se dá justamente na relação entre o dizer e a concretude do dizer, tendo em vista a situação comunicativa.

O falante, portador consciente de sua identidade, elabora um plano comunicativo e o põe em ação numa situação dialógica, no sentido de uma interação face a face. Conforme afirma Guimarães, há “uma intenção do locutor em dizer algo para alguém. Retoma-se por este modo de considerar o sujeito, o psicologismo, que Saussure evitou de maneira decisiva” (GUIMARÃES, 1995, p. 31) .

A intenção, aspecto que caracteriza fortemente a teoria de Grice, é o meio pelo qual o sentido se concretiza. De acordo com Guimarães, “significar é ter a intenção de fazer crer algo ao ouvinte em virtude do reconhecimento desta intenção. Ou seja, a intenção que institui o sentido é tal que se dá a conhecer por si mesma” (GUIMARÃES, 1995, p. 31).

A situação de comunicação adentra na constituição do sentido. São muitos os estudos desenvolvidos que tomam a situação comunicativa como elementos que interferem no sentido.

#### **4 | LINGUAGEM E AÇÃO: RELAÇÃO COM SIGNIFICAÇÃO**

Como já exposto, nas teorias de base formal, o sentido é a relação da linguagem com as entidades do/no mundo. A linguagem está a serviço de um sujeito que dela se apossa para fazer valer a sua intenção. É a linguagem sendo tomada como espelho do pensamento, como instrumento de comunicação.

Abrindo uma nova perspectiva nos estudos da linguagem, Austin (1998) inaugura a tese de que a linguagem não diz o mundo que a preexiste, que não é uma questão de comportamento. A linguagem faz, ou seja, porque diz e/ou ao dizer, o sujeito faz. É a linguagem como ação.

O enunciado é visto na sua relação com o sujeito. Um enunciado será feliz ou infeliz, em termos de processo/produto, se o sujeito que o produzir tiver um amparo social que garanta o seu enunciar. Vemos deslocamentos importantes para a abertura de uma nova forma de pensar linguagem. Primeiro, em relação ao sujeito que enuncia. Não é um sujeito individual, mas social, com papéis definidos socialmente. Por exemplo, uma pessoa só pode falar que outra morreu de enfarto, porque, socialmente, é caracterizado como um médico e, como tal, pode diagnosticar a morte. Nesse sentido, o sujeito não é aquele que se apossa da linguagem como algo preexistente a ele, como algo que está a sua espera para que seja captada. Se se fala é porque se tem um papel definido, fala-se para alguém, no caso o paciente, que está numa relação com esse papel social. Tem-se uma relação de dialogia. Segundo, em relação à concepção de linguagem. Até o momento, a linguagem foi pensada como sistema, como expressão do pensamento, Austin passa a postulá-la

como ação. Enunciar não é constatar, é fazer, e, portanto, enunciado e ação são lados de uma mesma moeda.

Na área dos estudos do texto, teóricos, segundo Koch (2014), citando Heinemann e Viehweger, usavam, em suas pesquisas, modelos contextuais e modelos comunicativos, sendo que estes últimos se baseavam na Teoria dos atos de Fala, desenvolvida por John L. Austin e, posteriormente, por J.R. Searle, ou a Teoria da Atividade Verbal. Tendo por base essa direção teórica,

os textos deixam de ser vistos como produtos acabados, que devem ser analisados sintática e semanticamente, passando a ser considerados elementos constitutivos de uma atividade complexa, como instrumentos de *realização de intenções comunicativas e sociais do falante* ( HEINEMANN, 1982 *apud* KOCH, 2004, p. 14, grifos nossos).

E continua a autora:

[...] na metade da década de 70, passa a ser desenvolvido um modelo de base que compreendia a língua como uma *forma específica de comunicação social*, da atividade verbal humana, interconectada com outras atividades (não linguísticas) do ser humano. Os impulsos decisivos para esta nova orientação vieram da Psicologia da Linguagem [...] e da Filosofia da Linguagem [...]. Caberia, então, à Linguística textual a tarefa de provar que [...] se poderia atribuir também aos textos a qualidade de formas de ação verbal (KOCH, 2004, p. 14, grifos nossos).

Então, a linguagem pensada como sistema não encontra lugar em estudos voltados para essa perspectiva teórica. O sujeito, portador de papéis definidos na coletividade, pela linguagem, age socialmente.

## 5 | PERSPECTIVAS ENUNCIATIVAS

Afastando-se de uma noção estrita de língua como sistema, na qual interessam somente as relações internas, com a Teoria da Enunciação começam-se a levar em consideração elementos que não pertencem, em princípio, ao sistema da língua. Delineando como objeto de estudo o enunciado, os seus defensores estudam por esse viés a enunciação, que envolve elementos externos como o locutor (eu) e interlocutor (tu), tempo (agora) e espaço (aqui) nos quais aqueles se situam, afirmando, dessa forma, a necessidade de se levar em conta o ato de produção da linguagem. Rompe-se o limite da frase e passa-se ao discurso, entendido aqui como algo além da frase. Esse campo teórico e analítico traz outra dimensão para os estudos da significação.

Benveniste (2005[1958]), fundador da teoria em questão, não se opõe totalmente aos preceitos saussurianos, não nega o conceito de língua de Saussure, mas propõe alargá-lo na medida em que tenta explicar a língua no seu funcionamento, no qual o sujeito é visto como fonte da linguagem. Formula, dessa forma, outra noção de sujeito. Não é o sujeito falante, empírico que ele postula.

A subjetividade, vista como “a capacidade do locutor para se propor como

‘sujeito’”, tem sua constituição no próprio funcionamento da linguagem, que “só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso” (BENVENISTE, 2005[1985], p. 286, grifos do autor). Na língua, há formas específicas para marcar essa subjetividade, afirma o autor. Entre as marcas, Benveniste defende os pronomes como o ponto inicial para a revelação dessa subjetividade.

Otoni, ao abordar a questão da subjetividade, diz que “o sujeito tem que se apropriar da estrutura (do semiótico) para se identificar como *sujeito* no discurso (no semântico)”. Completa o autor que o “aparato linguístico [revela] a subjetividade inerente ao próprio exercício da linguagem” (OTTONI, 1998, p. 47-48). Dito isso, depreende-se que a significação, então, para Benveniste, está relacionada com a constituição da subjetividade, inerente ao funcionamento da linguagem. Segundo Guimarães (1995, p. 46), o autor incorpora, a partir da distinção que faz entre modo semiótico e semântico, o referente, deixado de fora por Saussure, quando este privilegiou apenas o modo semiótico, em que se priorizava a identificação dos signos e a distintividade dos mesmos. O referente está estritamente ligado à enunciação, na qual é totalmente inconcebível uma semântica de cunho veritativo. Se se tem que julgar um enunciado em termos de verdade ou falsidade, isso só é possível no decorrer de uma enunciação, não somente com a observação das relações lógicas entre sentenças.

A enunciação é caracterizada como um ato individual, no qual o sujeito se apropria da língua, que fornece as marcas de subjetividade, e coloca-a em funcionamento, tendo em vista que “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade, que é a do ser, o conceito de ‘ego’” (BENVENISTE, 2005[1985], p. 286, grifos do autor). Só se é sujeito da linguagem porque a língua fornece as marcas e porque o falante as põe em funcionamento na língua, marcando-se como sujeito.

Guimarães faz uma ressalva ao que postulou Benveniste no tocante à ideia de que, para constituir sentido, basta que o sujeito se aproprie das formas que a língua lhe oferece, no caso as subjetivas. Segundo ele, isso não se dá de uma forma direta, como propõe Benveniste, pois, assim colocado, incorre-se na centralidade do sujeito no processo enunciativo, o que, sabe-se, constitui um efeito ideológico: “Não se trata de um sujeito psicológico, não se trata de um sujeito pragmático, por exemplo, mas trata-se de um sujeito que tem a capacidade de apropriar-se da língua e semantizar, e fazer significar” (GUIMARÃES, 1995, p. 47). Cabe perguntar se é o sujeito que faz significar, o que constitui o sentido. O sentido se constitui e é constituído num movimento de retomada e atualização constante de enunciações anteriores. Assim, não é o sujeito que está na base dessa constituição. Entre o sujeito e o sentido há a história, há o discurso.

Numa outra vertente dos estudos enunciativos, Bakhtin postula a noção de enunciado assentada no dialogismo. Para ele, a unidade da atividade comunicativa



é o enunciado. A enunciação linguística é concebida pelo autor como produto da interação verbal e social. Desse modo, se para Benveniste, o sujeito é preso às formas da língua, pois delas se apropria para significar; para Bakhtin, o sujeito é social.

A enunciação humana mais primitiva, ainda que realizada por um organismo individual, é do ponto de vista do seu conteúdo, de sua significação, organizada fora do indivíduo pelas condições extra-orgânicas do meio social. A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística (BAKHTIN, 1997, p.121)

Então, as diferenças teóricas entre Benveniste e Bakhtin advêm das distintas concepções de língua que orientam os seus estudos. Aquele introduz o sujeito nos estudos linguísticos, mas é um sujeito *preso* à estrutura da língua, um sujeito individual e centrado; para este, *sujeito e enunciação* não se restringem ao aspecto formal e abstrato.

## 6 | UMA ABORDAGEM DISCURSIVA

O sentido, pelo que vimos, é pensado numa relação com a língua, conforme algumas áreas, ou é pensada na relação com a enunciação. Se pensado nesta perspectiva, na vertente desenvolvida por Bakhtin, produzimos o sentido observando as relações construídas no contexto verbal e também no contexto extraverbal.

O sentido para a Análise de Discurso (AD) se constitui juntamente com o sujeito, que é uma noção concebida na complexidade da relação entre três campos de saber: história, ideologia e psicanálise. Nesse sentido, o sujeito da AD não é o sujeito da linguística, nem o da ideologia, nem o da psicanálise. Para a AD, o linguístico não funciona sem a relação com a memória, a ideologia, a história, e, desse modo, um olhar *apenas* para o sistema não funciona para descrever fenômenos discursivos.

Nessa articulação, formações ideológicas e formação discursiva (FD) são fundamentais. Na perspectiva de Michel Pêcheux, as formações discursivas intervêm nas formações ideológicas enquanto seus componentes e “determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma harenga, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa etc.) a partir de uma dada conjuntura” (GADET; HAK, 1997, p. 166). É pela/na formação discursiva que os indivíduos são interpelados como sujeitos.

Dessa forma, os sentidos não são resultantes das relações estabelecidas entre as palavras de um sistema linguístico. Os sentidos são produzidos por meio das relações que as palavras ganham no interior de cada formação discursiva, que, vale mencionar, não são homogêneas. E o sujeito, na medida em que está inscrito numa formação discursiva, cuja constituição não é homogênea, só diz o que essa formação permite dizer, ou seja, os saberes *próprios* dessa FD.

Tomando Althusser como base, Pêcheux defende que o funcionamento da instância ideológica, no tocante à reprodução das relações de produção, leva à interpelação do sujeito. Pelo processo de interpelação o sujeito é *levado a ocupar determinado lugar (o seu lugar)* e levado a fazer parte de uma classe de uma formação social, como se de sua *vontade* fosse. A interpelação produz a ilusão de uma autonomia, do sujeito como origem. Diferentemente, o sujeito pragmático, intencional seria *capaz de adequar-se às diferentes situações comunicativas*. A partir de suas crenças, conhecimento de mundo, adequaria o seu dizer, conforme o contexto, concebido, nesse viés teórico, como a situação de fala.

Afetado pelo esquecimento, o sujeito rejeita, inconscientemente, tudo que possa remetê-lo ao exterior de sua formação discursiva, na qual se dá a sua constituição como sujeito. Conforme Pêcheux, “os elementos discursivos constituídos pelo *interdiscurso enquanto pré-construído*, que fornece, por assim dizer, a matéria-prima na qual o sujeito se constitui como ‘sujeito falante’, com a formação discursiva que o assujeita” (Pêcheux, 1997 [1975], 167, grifos do autor).

Sujeito e sentido se constituem mutuamente e é pela forma-sujeito que o sujeito do discurso se inscreve numa formação discursiva. “A forma-sujeito do discurso, na qual coexistem, indissociavelmente, interpelação, identificação e produção de sentido, realiza o non-sens da produção do sujeito como causa de si sob a forma da evidência primeira” (PÊCHEUX, 1997[1975], p. 266).

Nos desdobramentos que são desenvolvidos acerca da noção de sujeito, Courtine dá uma grande contribuição quando, após realizar releituras de Pêcheux e Foucault, concebe

posição de sujeito como uma relação determinada que se estabelece entre o sujeito enunciado e o sujeito do saber de uma dada FD. Essa relação é uma relação de identificação cujas modalidades variam, produzindo diferentes efeitos-sujeito no discurso. A descrição de diferentes posições sujeito no interior de uma FD e dos efeitos que estão ligados a ela é o domínio de descrição da forma-sujeito (COURTINE, 2009, p.88).

O sentido é constituído na relação entre sujeito e forma-sujeito e, desse modo, o sentido não será outro senão o que a formação discursiva *permite* que seja, o que nela está inscrito. Interpelado pela história, pela ideologia, não se configura como o sujeito falante, como um ser de intenção.

## 7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendeu-se traçar um breve histórico sobre como as noções de sujeito e de sentido foram desenvolvidas ao longo dos estudos da linguagem. Todas as teorias contribuíram para que as noções ganhassem novos matizes, que propiciam que diferentes análises sejam realizadas nos mais variados campos do saber.

Mesmo sem pretender estabelecer uma linha cronológica para o estudo

aqui realizado, como o surgimento de novos campos de saber e/ou novas teorias nas diversas ciências se dá ancorado num contexto, parece coerente afirmar a importância do que foi sendo produzido no desenvolvimento das noções de sujeito e sentido. Primeiramente, nos estudos estruturalistas, se deu a exclusão do sujeito e, desse modo, a constituição do sentido não passava pelo sujeito. Com os estudos de vertente pragmática o sujeito é considerado enquanto intenção, e o sentido, na relação com uma dada situação comunicativa. Avança-se para análises nas quais o sujeito deve ser entendido enquanto ser que, ao assumir papéis sociais, faz uso da língua a partir dessa assunção. O sentido, nessa direção, não se vincula estritamente ao sistema. O sujeito e sentido são concebidos na relação com o social, o pragmático. A partir dos estudos de cunho enunciativo, as noções de sujeito e sentido são entendidas ou na relação com as formas da língua, conforme Benveniste, ou na relação também com o social, com o extraverbal, de acordo com Bakhtin. Finalizando a retomada, nos estudos discursivos de linha pecheutiana, a constituição do sujeito está intrinsecamente ligada à constituição do sentido. Em AD, o sujeito é ideológico, afetado pelo inconsciente e pela história, de modo que é uma posição discursiva entre outras.

As reflexões sobre como sentido e sujeito são concebidos nos estudos linguísticos comprovam a importância dessas noções para o desenvolvimento de teorias significativas que demarcam fronteiras no campo da linguagem.

## REFERÊNCIAS

AUSTIN, J. L. Performativo-conotativo. In: \_\_\_\_\_ OTTONI, P. **Visão performativa da linguagem**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998, p. 109-144.

BAKHTIN, M. (Voloshinov, V.N. -1929). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.

BENVENISTE, E. **Problemas de Lingüística Geral I**. 5. ed. Tradução Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes, 2005 [1958].

COURTINE, J-J. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

FREGE, G. Sobre o sentido e a referência. In: **Lógica e filosofia da linguagem**. Tradução Paulo Alcoforado. São Paulo: Cultrix, 1978. p. 59-86.

GRICE, P. H. Lógica e conversação In: DASCAL, Marcelo (org.). **Fundamentos metodológicos da lingüística: semântica**. Vol IV. Campinas: UNICAMP, 1982. p. 43-61.

GUIMARÃES, E. **Os limites do sentido**. Campinas: Pontes, 1995.

KOCH, I. V. **Introdução à linguística textual**. Martins Fontes, 2004.

OTTONI, P. **Visão performativa da linguagem**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 3. ed. Tradução Eni Orlandi *et al.* Campinas - SP: editora da Unicamp, 1997 [1975].

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3 ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1997 [1969].

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**IVAN VALE DE SOUSA** - Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aprendizagem 13, 14, 15, 16, 19, 21, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 107, 112, 113, 119, 120, 121, 165, 188, 194, 199, 210, 211, 212, 228, 238, 240, 245, 266

Aquisição 16, 20, 61, 65, 71, 76

Autismo 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84

### B

Bakhtin 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 126, 127, 134, 222, 223, 225

### C

Complexidade 3, 4, 57, 58, 59, 65, 103, 114, 223, 286

Cotidiano escolar 10, 81, 82

Cultura cômica 123, 124, 126

### D

Dança 9, 23, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 48, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 179, 180, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 240, 277, 278, 279, 280, 281, 285, 301

### E

Educação de jovens e adultos 199, 208, 209, 210, 211, 216

Educação informal 227

Ensino 1, 2, 3, 4, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 26, 27, 31, 33, 34, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 93, 94, 95, 97, 107, 112, 113, 118, 119, 120, 121, 158, 165, 167, 192, 193, 194, 195, 197, 199, 201, 202, 208, 209, 210, 211, 212, 238, 239, 240, 245, 246, 266, 295, 296, 299, 306

Estudos linguísticos 72, 122, 217, 218, 223, 225

### F

Formação 1, 2, 3, 4, 8, 14, 16, 17, 26, 52, 61, 62, 66, 69, 70, 71, 74, 83, 84, 87, 88, 89, 92, 93, 96, 107, 120, 121, 130, 146, 151, 157, 159, 160, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 200, 201, 204, 206, 211, 212, 216, 223, 224, 239, 246, 279, 295, 296, 297, 298, 299, 302, 303, 304

### G

Gêneros textuais 15, 18, 20, 113, 118, 119, 120, 121

## I

Identidade 1, 2, 3, 4, 5, 8, 12, 16, 17, 20, 22, 35, 37, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 63, 64, 65, 75, 104, 110, 112, 113, 116, 118, 119, 120, 132, 180, 181, 220, 237, 238, 239, 281, 297, 298

Imaginário 1, 50, 52, 148, 248, 265

Interação 3, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 25, 63, 69, 76, 78, 105, 106, 109, 112, 113, 115, 116, 117, 120, 121, 133, 174, 175, 195, 220, 223, 227, 239, 286, 287, 288, 292, 301, 302, 304

Interacionismo Sociodiscursivo 6

## L

Leitura 13, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 25, 61, 81, 99, 100, 101, 103, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 119, 120, 152, 158, 159, 161, 162, 179, 185, 187, 196, 197, 198, 206, 212, 215, 236, 289, 290, 291, 293, 298

Letramento 13, 15, 16, 17, 18, 19, 22, 208, 209, 211, 212

Linguagem 6, 11, 13, 15, 16, 18, 37, 58, 62, 63, 70, 97, 99, 100, 102, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 131, 133, 134, 151, 159, 161, 163, 164, 166, 167, 168, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 203, 209, 210, 213, 214, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 284, 286, 287, 295, 299, 300

Língua inglesa 69, 70

Língua portuguesa 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 86, 87, 89, 95, 96, 97, 112, 119, 131, 143, 175, 194, 212, 247, 306

Literatura 106, 123, 124, 126, 127, 130, 134, 144, 145, 146, 147, 150, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 194, 196, 197, 198, 247, 248

Livro de artista 23, 24, 25, 26, 27, 33, 34

## M

Memória 4, 25, 52, 102, 104, 105, 107, 124, 132, 146, 150, 158, 176, 223, 236, 260, 261, 281

Midiática 123, 190, 239

Multiculturalismo 61, 62, 63, 70, 90

Multimodalidade 283, 284, 285, 286, 288

## O

Ópera 152, 202, 203

## P

Personagem 35, 37, 38, 39, 41, 42, 45, 102, 136, 139, 143, 148, 149, 150, 151, 180, 181, 182, 214

Povo indígena 278, 280

## R

Rede digital 184

## **S**

Sala de aula 1, 5, 6, 13, 61, 63, 68, 70, 76, 82, 83, 112, 113, 118, 119, 120, 121, 158, 197, 209, 240, 304

Sistematização 95, 119, 296, 302

## **T**

Tecnologias digitais 6

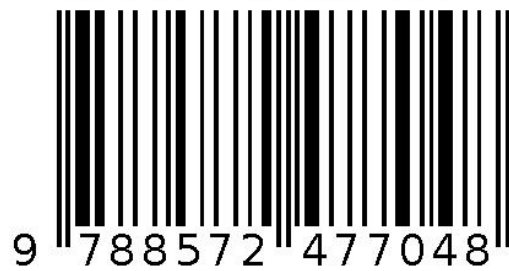
## **V**

Vivências 8, 109, 157, 159, 167, 235, 238, 239, 278, 280



Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-704-8



9 788572 477048